****

**Acolhemos, de fato, Jesus em nossa casa, para com Ele comungarmos?**

**Trigésimo primeiro domingo do Tempo Comum**

**3.11.2019**

Amados irmãos e irmãs, que a paz do Senhor esteja com vocês!

Jesus, em sua caminhada física e catequética até Jerusalém, a qual estamos acompanhando por algumas semanas, está próxima de ser concuída e, neste domingo, Lucas narra sua passagem pela cidade de Jericó. Esta é a última etapa dos peregrinos que se dirigiam a Jerusalém, com vistas à celebração das grandes festividades religiosas dos judeus, indicando-nos que o destino final de Jesus está próximo. Jericó, antiga cidade da Judéia, um verdadeiro oásis situado às margens do Mar Morto, ficava a, aproximadamente, 30 Km de Jerusalém.

Nas semanas anteriores, Jesus vem nos chamando à reflexão a respeito do poder da fé e da perseverante prática orante, alimentando nossa evolução espiritual e posibilitando-nos a cumprir a orientação do Senhor na construção do “Reino” em nosso cotidiano. Lembra-nos de forma rotineira que, para tal missão, necessitamos não apenas das nossas próprias forças, mas, essencialmente, do poder divino, desde que nos entreguemos de forma plena e inquestionável em suas mãos. Ocorrendo tal empoderamente, somos levados a uma estado de profunda gratidão, pois nos sentimos imersos na consciência da amorosa de Deus, vivo e presente em nossa vida.

Na narrativa desta semana, Lucas nos traz a passagem de Jesus por Jericó e seu emblemático encontro com Zaqueu, homem rico e responsável pela coleta de impostos na cidade e, como todos os publicanos, muito mal visto pelos judeus.

Atentemo-nos, então, ao texto de hoje e busquemos, com o exemplo de Zaqueu, o impulso para chegarmos sempre mais perto de Jesus, para que possamos viver com Ele em plena comunhão em nosso cotidiano.

1E, tendo entrado em Jericó, ele [Jesus] atravessava a cidade. 2Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe de publicanos. 3Procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por cauda da multidão, pois era de baixa estatura. 4Correu então à frente e subiu num sicómoro para ver Jesus que passaria por ali. 5Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa”. 6Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria. 7A vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: “Foi hospedar-se na casa de pecador!” 8Zaqueu, de pé, disse ao Senhor, dizendo: “Senhor, eis que dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo”. 9Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido”. (Lc 19,1-10)

Podemos perceber que o julgamento divino, radicalmente distinto do humano, juntamente com a universalidade do amor de Deus, sem escolhas prévias ou exclusões, encontram-se frequentemente presentes na Boa-nova de Jesus. Hoje, mais uma vez, somos brindados com uma passagem evangélica de Lucas, na qual um homem considerado impuro, pecador e desprezado pelo povo de Israel em decorrência de sua atividade profissional – coletor de impostos –, é acolhido por Jesus, após sua procura e plena entrega nas mãos do Senhor. Vemos um Deus que ama todos os seus filhos sem excluir ninguém, mostrando-nos a capacidade transformadora e revivificadora do amor. Novamente nos deparamos com Jesus demonstrando, por palavras e ações, que veio ao mundo para um amoroso encontro com os perdidos, não para culpá-los e condená-los, mas sim para conduzi-los e salvá-los. Quem de nós estaria plenamente excluído desse universo de limitados e pecadores?

Ocorre que, para tanto, se faz necessário que O procuremos e, ao desejarmos a sua acolhida, reconheçamos, humildemente, nossas fraquezas humanas, entregando-nos com total confiança, para termos nossa fé alimentada, e incondicionalmente conduzidos pelo seu Santo Espírito.

Já no trecho evangélico da semana passada, fomos instigados ao reconhecimento de nossas limitações humanas e ao profundo desejo da compaixão de Deus, com a conduta de outro publicano, outro apartado da sociedade judaica, demonstrando o reconhecimento de sua pequenez e o desejo sincero da proximidade perene com a divindade.

Jesus mostra-nos naquela passagem, e igualmente na de hoje, a infinita distinção entre os julgamentos divino e humano. Enquanto os homens fixam-se nas aparências, no mero fazer correto de acordo com as leis e normas estabelecidas, Deus nos “vê” internamente, nossas verdadeiras intenções, reconhecendo e acolhendo o que de fato desejamos a Ele oferecer, com sinceridade e humildade, do quase nada que somos, mas com a integralidade de nosso ser e com o desejo profundo de nos libertarmos do orgulho, da vaidade, da prepotência e do apego às coisas deste mundo.

No que concerne especificamente ao trecho evangélico de hoje, tendo Lucas como seu único narrador, traz-nos a chamada conversão de Zaqueu e coloca em evidência tanto o amor de Cristo pelos pecadores como a universalidade da acolhida e salvação que Ele nos traz. Merece destaque, também, a capacidade de Lucas, que tão peculiarmente exalta a pobreza, abordar com igual propriedade a salvação divina também direcionada a um homem rico. Existe, inclusive, uma tradição apontando Zaqueu como discípulo de Pedro e bispo de Cesareia.

O texto nos apresenta Zaqueu, chefe dos publicanos, ou seja, dos cobradores de impostos, homens que trabalham como colaboracionista dos romanos e, por tanto, odiado pelos seus concidadãos, tendo em vista seu ingrato trabalho de cobrança, bem como o enriquecimento frequentemente ilícito decorrente de cobranças além do considerado justo e adequado. Era, portanto, considerado um pecador público sem hipóteses de perdão e apartado do convívio social com as pessoas decentes. Visto como um marginal, certamente aos olhos judaicos era amaldiçoado por Deus. A referência à sua “baixa estatura” vai além da indicação de carácter físico, significando a sua insignificância do ponto de vista moral.

Nosso rico protagonista, por alguma razão, é chamado de Zaqueu, cujo significado em aramaico é “puro”, “justo”, apesar de seu trabalho em Jericó, cidade de comércio, que lhe rende, certamente, boa riqueza e nem sempre de forma lícita, o que nos fica claro com o seu próprio reconhecimento (v. 8).

Vemos o esforço de Zaqueu em ver Jesus, não evidenciando, apenas, uma superficial curiosidade, ao contrário, parece-nos uma atitude de alguém insatisfeito com sua condição, infeliz com suas limitações e com sua inadequada conduta rotineira, buscando o Mestre, não somente para ser visto, mas para se entregar a Ele, em arrependimento e correção de vida, abrindo-se, de fato, ao divino, pois descobre em Jesus o rosto do Deus que ama. Totalmente alheio às possíveis críticas e questionamentos humanos, sujeita-se ao ridículo de subir numa árvore local (sicómoro), com a intenção de superar sua limitada estatura, para “chegar” até Jesus. Seria ele limitado apenas em sua altura? Seu tamanho físico, destacadamente baixo, não nos mostra sua real estatura moral e espiritual, necessitando elevar-se para chegar até Jesus? Por outro lado, não seria igualmente destacável seu esforço e sua despreocupação com o julgamento humano, na busca de se aproximar do Senhor, chegando a subir em uma árvore no meio da multidão, independentemente de sua riqueza ou condição social, desejando, no fundo, entregar-se nas mãos de Deus?

Igualmente à procura de Zaqueu por Jesus e sua disposição de humilde conversão, destaca-se a desconcertante amorosidade de Jesus. Em momento algum condena o publicano por suas faltas, por seus erros mundanos, pelo contrário, vai ao seu encontro e auto convidando-se para adentrar à sua casa, propiciando-lhe a mais profunda reflexão de vida e sua verdadeira conversão. Mesmo não sendo nítido para os homens presentes, razão dos murmúrios dos que viram Jesus indo à casa de um cobrador de impostos, fica evidente para o Senhor a humilde entrega e o sincero arrependimento de Zaqueu. Convidado a sentar-se à mesa do “Reino”, o egoísta cobrador de impostos permitiu-se transformar pelo amor de Deus, tornando-se um homem generoso e capaz de partilhar os seus bens, comungando, assim, com Deus e com os irmãos, especialmente os menos favorecidos.

Amadas e amados irmãos, basta nos aproximarmos de Deus, demonstrando nosso verdadeiro desejo de mudança, de correção, expressando o humilde reconhecimento de nossa pequenez e solicitando-lhe acolhida que Ele nos recebe de braços abertos em sua sagrada consciência. Inunda-nos com sua graça santificada e santificante, fortalecendo nossa fé, capacitando-nos para seguir seus passos em nosso cotidiano, na construção do seu Reino onde estivermos.

Somos tão “baixos” como Zaqueu, nossa pequenez é semelhante à dele, pois necessitamos, com frequência, “subir em árvores” para chegarmos ao Altíssimo, precisamos nos manter em oração, em revisão constante de vida, ajudados por nossa comunidade, familiar ou não, num suporte recíproco de busca pelas “alturas”. Assim como Zaqueu foi visto e acolhido por Jesus, também o seremos se tivermos a mesma disposição, o mesmo desejo, a mesma humilde entrega.

Um fraterno abraço e fiquem na paz de Deus!

Rev. Frei João Milton